

## AS CONTRIBUIÇÕES DA FACTICIDADE HEIDEGGERIANA PARA A VIVÊNCIA RELIGIOSA

Luís Gabriel Provinciatto<sup>1</sup>

### Resumo

O presente trabalho se desenvolve a partir de uma análise fenomenológica da religião, tendo como base a “experiência fática da vida”, conceito desenvolvido por Martin Heidegger (1889-1976). A partir dela mostra-se a relevância da facticidade, termo que surge a partir de relações e análises da *faktische Lebenserfahrung*, para o fenômeno religioso. Ademais, fica claro que a religião enquanto manifestação própria do homem é fática: está presente na história e possui uma historicidade, além de colocar o próprio ser humano em confronto consigo mesmo, desde que esta seja compreendida de maneira autêntica e não como um modismo da contemporaneidade. Destarte, a facticidade traz contribuições interessantes, uma vez que na obra *Fenomenologia da vida religiosa* (1920/21) Heidegger apresenta a importância do mundo circundante e não somente do mundo próprio. Isso é destacado tendo em vista que, hoje em dia, percebe-se a real necessidade de um diálogo entre as religiões quer sejam cristãs ou não. Uma das primeiras contribuições da facticidade, portanto, é o resgate de uma vivência comunitária da fé: a importância dada para o mundo circundante, ou seja, para aquilo que está em torno da religião; isso auxilia para que ela não se isole somente em si mesma. Outra contribuição da facticidade heideggeriana reside na compreensão da fé, tendo em vista sua relação com a história, com a historicidade. Auxilia na compreensão e na vivência religiosa a preleção *Fenomenologia e teologia* (1927) de Heidegger, pois nela o autor afirma que tanto filosofia quanto teologia têm seus objetos próprios de pesquisa, mas a filosofia auxilia numa maior compreensão das questões da fé, pois garante à fé uma ontologia. Por fim, a vivência religiosa é aqui abordada de maneira teórica, tendo em vista as contribuições dos textos de Heidegger para a situação da religião no atual contexto em que elas se encontram.

**Palavras-chave:** Facticidade; vivência religiosa; experiência fática da vida; Martin Heidegger.

### Introdução

Há algum tempo que a religião deixou de ser uma discussão exclusiva de teólogos, que põem a fé como pressuposto dentro de suas análises, e filósofos, que deixam a fé entre parênteses e, na maioria das vezes, tentam encontrar uma ontologia da religião. Tal tema passou a ser analisado por diversas áreas do conhecimento que quando unidas formam, basicamente, as ciências da religião, isto é, possuem a religião como eixo orientador de suas pesquisas e não algo à margem.

---

<sup>1</sup> Graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Atualmente mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas com bolsa de fomento CAPES. E-mail: [lgprovinciatto@hotmail.com](mailto:lgprovinciatto@hotmail.com)

O que aqui se propõe para investigação é uma abordagem do fenômeno religioso levando em consideração as contribuições da fenomenologia de Martin Heidegger, um dos principais pensadores do século XX. Heidegger lança mão de alguns conceitos que serão posteriormente analisados, tais como: experiência, facticidade, vida, mundo; de forma que eles contribuem no início do caminho filosófico do alemão, bem como se adequam dentro de uma experiência religiosa cotidiana. Há de se destacar que o conceito de religião também será adiante pormenorizado para que não haja dúvida quanto a que tipo de religião se está fazendo menção. No entanto, para que o trabalho consiga se aprofundar de maneira consistente e adequada faz-se necessário um recorte: mesmo entendendo que religião é uma manifestação própria do homem e isso quer dizer que ela é muito mais que uma instituição com ritos, dogmas e doutrinas, opta-se, neste estudo, para a manifestação religiosa típica do ocidente, o cristianismo. Tal recorte se justifica, uma vez que a vivência religiosa típica do Ocidente é o cristianismo, quer reformado ou católico, e também porque o fenômeno religioso abordado por Heidegger em seus estudos é o cristianismo, sobretudo, o primitivo.

Tendo essa metodologia como base, se é lançado ao primeiro caráter da manifestação religiosa a ser aqui abordado para que as contribuições da facticidade heideggeriana façam sentido: o conceito de homem. A investigação do conceito de homem é de fundamental importância à análise do fenômeno religioso, e da religião em si, porque quem manifesta tal fenômeno é o homem. Não há dúvidas de que a concepção de homem foi se alterando ao longo da história e um fato decisivo para a formulação deste conceito foi a helenização do cristianismo e a cristianização do helenismo, às quais Heidegger chama a atenção.

O autor alemão garante duas características fundamentais ao homem e estas são asseguradas pela própria análise histórica: 1) ser vivo dotado de razão e 2) pessoa, personalidade. Adiante, a origem propriamente dita de tais conceitos é posta em destaque: “a primeira forma pertence ao contexto temático que pode ser indicado pelo número de objetualidades [contexto científico-natural do homem]. [...] A segunda forma do conceito de homem nasce com a exposição cristã das qualidades originais do homem como criatura de Deus, baseada na revelação veterotestamentária [contexto religioso]” (HEIDEGGER, 2013, p. 28). Fica claro que a formulação do conceito de homem não é algo fácil de estabelecer, mesmo porque são diversas as áreas que contribuem para isso. Contudo, para o fenômeno religioso cristão em si há de ser dada uma relevância ao conceito de homem exposto pela Bíblia, bem como àquele presente na tradição religiosa, à qual o hoje da religião deve muito.

O ideal do homem como pessoa surge logo na literatura gênica: “Então Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança’” (Gn 1, 26). Imagem e semelhança, na visão de Heidegger em sua *Ontologia: hermenêutica da faticidade*, são expressões muito próximas que aproximam tal ideia do conceito de homem grego, uma vez que o ato de falar, *logos*, é característica humana, segundo a visão grega. Mais interessante ainda é aquilo que o autor alemão vai apontar na continuidade do texto, algo de muita relevância para o estudo da religião na cotidianidade; afirma Heidegger: “O conceito de homem [...] impede inicialmente de ver aquilo que se deve ter em vista enquanto facticidade” (HEIDEGGER, 2013, p. 34). A relevância do conceito de homem só é viável a partir de um conhecimento aprofundado de sua formação, bem como de sua maneira de utilização. É com essa abordagem que esse estudo segue, uma vez que se relaciona ao conceito de homem a questão da facticidade destacada acima.

## 1. Facticidade e Religião

A proximidade entre facticidade e religião se dá, primeiramente, pela existência de termos que são comuns a ambas as categorias aqui estudadas. Nesse sentido, faz-se necessária uma investigação acerca de alguns elementos que compõem o conceito de facticidade e que estão presentes no fenômeno religioso cristão. Destarte, há uma preocupação para que tais elementos façam sentido para os adeptos das diferentes correntes do cristianismo nos dias de hoje.

1316

### 1.1 O conceito de facticidade: alguns elementos que o compõe

O termo facticidade, em si, designa a princípio: experiência fática da vida. Aqui já se percebe que dentro do termo analisado existem outros de fundamental importância para o pensamento heideggeriano; há de se destacar, também, que estes termos são recorrentes ao longo do trajeto histórico, filosófico e religioso do Ocidente. A facticidade, desse modo, começa a se compor pela experiência de uma vida fática. No entanto, o que é experiência? O que é vida fática?

Na preleção *Introdução à Fenomenologia da Religião* (1920/21), Heidegger encaminha seu entendimento de experiência nos seguintes termos: “‘Experiência’ designa: 1) ocupação que experimenta; 2) o que é experimentado através dela. [...] ‘Experimentar’ não significa ‘tomar conhecimento’, mas o ‘confrontar-se com’ o que é experimentado, o ‘afirmar-se’ das formas

experimentadas” (HEIDEGGER, 2010, p. 14). Fica claro que a intenção do autor é fugir do rigorismo científico-empírico em que se encontravam as ciências no início do século XX. A noção de experiência está muito mais relacionada com o próprio fato do ser viver a sua vida de maneira autêntica, viver a vida de maneira que ela possa ser enquanto tal, vida vivida. Nesse aspecto, a formulação da facticidade envolve o entendimento do que seja vida, isto é, a vida vivida enquanto tal.

Antes de passar para a compreensão do que sejam estes termos num âmbito religioso cristão, é necessário apresentar a definição filosófica que Heidegger traz para o termo vida. De maneira sintética:

Enquanto nome e substantivo [...]: 1) A vida significando *unidade da sequência e temporalização* [...]; 2) A vida: ora, significando algo que, em sentido específico, carrega junto a si *possibilidades*, em parte temporalizada enquanto em si mesma e para si. A vida, da qual falamos pode nos trazer tudo, que é imprevisível; [...] 3) A vida compreendida num significado onde 1 e 2 se entrelaçam mutuamente: a unidade da extensão na possibilidade e como possibilidade [...] *destino*. (HEIDEGGER, 2011, p. 97)

Entendendo essa colocação feita pelo autor alemão, isto é, com seus significados verbais e nominais, o termo vida pode aqui ser entendido como *Dasein*, ou seja, aquilo que na vida e através dela é, o ser. Dentro da esfera religiosa isso é importante pois se entende por que o termo utilizado é *ser religioso* e não homem religioso. Como aponta a Introdução do presente texto, o conceito de homem vem carregado de diversas outras interpretações sempre ligadas ao período histórico correspondente. Isso não quer dizer que o conceito “homem” deve ser extinto da religião cristã, pelo contrário: deve ser mantido, uma vez que revela as características culturais, sociais e políticas dos determinados períodos pelo qual passou a cristianismo. A grande preocupação volta-se para a limitação que a utilização de “homem” traz para a religiosidade cristã visando uma abrangência universal, de certa forma. Por conseguinte, o ser religioso é aquele que manifesta a religião em seu existir; em termos de uma pesquisa com cunho fenomenológico, é aquele que vivencia faticamente a religião que manifesta.

Além disso, as contribuições heideggerianas vão adiante ao que tange à experiência religiosa, uma vez que o viver religioso traz consigo o mundo da religião. A vida, como apresentado, é esse viver e para tal requer um mundo, não como algo pré-determinado, mas sim como aquilo que é natural à vivência. Em determinado ponto, vida e mundo se identificam: “vida é em si mesma relacionada com mundo [...]. No fenômeno vida, mundo é a categoria fundamental do sentido do conteúdo” (HEIDEGGER, 2011, p. 99). Nesse sentido,

ao discutir fenomenologicamente a vivência religiosa tem que se apontar e aprofundar o mundo religioso no qual a vida é faticamente experienciada, pois um dos mundos com o qual o *Dasein* tem contato é o religioso (da religião); de maneira mais aprofundada, posteriormente, Heidegger vai afirmar que o ser manifesta mundo, uma vez que o *Dasein* é seu próprio mundo (*Ser e Tempo*, 1927).

Do ponto que se segue, o entendimento de “mundo” é crucial para o desenvolvimento da esfera religiosa de maneira aprofundada. Quando se determina que a experiência religiosa esteja incluída num mundo religioso não se está pré-determinando o contexto ou ainda a realidade daquele que faz a experiência religiosa. “Não se trata, portanto, do apontar previamente seletivo de uma determinada realidade [...]. Com a categoria fenomenológica ‘mundo’ discutimos igualmente também, e isso é um fato importante, *aquilo que é vivido*” (HEIDEGGER, 2011, p. 99). Essa *concepção prévia* de mundo se refere à situação de compreensão na qual o fenômeno religioso se inclui; mais uma vez dando ênfase à categoria mundo não enquanto algo pré-determinado, mas sim aquilo que é natural à vivência, um componente essencial da vida, do *Dasein*.

Os elementos até aqui apresentados, experiência fática, vida e mundo, também dão base para outra categoria fundamental dentro da filosofia (fenomenologia) e da religiosidade: a interpretação, ou melhor, a *hermeneia* necessária para todos os acontecimentos da vida, entendidos de maneira fenomenológica. Aponta Heidegger que “a *concepção prévia de interpretação* brota cada vez do nível de interpretação da própria vida” (HEIDEGGER, 2011, p. 100), ou seja, a maturidade da vivência influencia na maturidade da interpretação; aquilo que se interpreta da vida é aquilo que se entende da vida, aquilo que se viveu da vida. Não é possível, então, querer interpretar outro mundo sem ter as influências do próprio mundo. Para o cristianismo contemporâneo isso é muito importante, uma vez que auxilia no entendimento de manifestações variadas da religião, ela própria um fenômeno. Visando uma maior abrangência, não há por que julgar uma religião melhor que a outra ou ainda esta como verdadeira e aquela não: a compreensão de vida e mundo não garante um conhecimento total da própria vida (isso, a respeito, talvez seja impossível), mas ajuda na diminuição daquilo que Heidegger chama de “nebulosidade” presente no próprio ato de interpretar as próprias vivências. Aponta o autor:

Enquanto não se consegue alcançar de imediato uma compreensão autêntica, carecemos de uma visão suficiente. Assim como a vida é em si mesma sinuosa, é também nebulosa. Se quisermos uma visão verdadeira, ela deve ser formulada. (A nebulosidade se deve à própria vida; sua facticidade

está propriamente em manter-se nessa culpa, cair sempre de novo nela [...])  
(HEIDEGGER, 2011, p. 101)

Há de se dar um destaque para o seguinte ponto: “*se quisermos uma visão verdadeira, ela deve ser formulada*”. Utilizando termos típicos do fenômeno religioso, a vida em sua “nebulosidade” não permite uma visão verdadeira do todo, ou seja, o adepto de tal religião não consegue compreender este fenômeno em sua totalidade. Um dos motivos: os diversos mundos que compõem tanto o ser religioso quanto a própria religião em si. Daí a formulação necessária de uma visão de mundo. Isso diz muito à religião, uma vez que essa visão de mundo não pode provir de uma fantasia, de uma não-realidade presente na religião. Aqui cabe uma pergunta: quem é responsável pela formulação de tal visão de mundo? O próprio ser religioso, que vive a religião em sua vida, e a própria religião, agora entendida enquanto instituição religiosa, posto que esta regula os símbolos, ritos, dogmas, ou seja, a estrutura orgânica da religião.

Essa formulação de uma visão integral do mundo da religiosidade permite à interpretação uma diversidade maior de caminhos; por exemplo: o simbolismo presente no cristianismo católico não depende unicamente da Instituição Igreja para ser analisado, cada fiel é responsável para acolher tal símbolo de acordo com a sua vivência e a sua realidade. No entanto, deve-se ter alguns cuidados para que não haja uma vaga ideia de que qualquer interpretação seja válida, pelo contrário, quem garante as diretrizes de uma interpretação segura é a própria Instituição Igreja valendo-se de um de seus alicerces, a tradição histórica. A esse respeito e no que tange uma pesquisa fenomenológica da religião, Heidegger sugere que “a própria interpretação categorial ao ser compreendida, então, deveria como tal ser essencialmente *repetida*. Em sua repetibilidade autêntica e cada vez rigorosa se mostra também sua evidência.” (HEIDEGGER, 2011, p. 101).

Utilizando-se de uma similaridade de termos, através da repetição dentro do contexto religioso, entende-se a tradição, acima mencionada. A tradição não é algo velho e muito menos morto, mas algo vital que sempre se atualiza de acordo com os tempos e as necessidades. Um exemplo a esse respeito: a Eucaristia que no início do movimento jesuano era entendida e vivenciada de uma maneira com o passar dos anos e com a estruturação da religião se modificou, porém mantendo-se viva e permanente até os tempos hodiernos. A necessidade de uma interpretação dentro do fenômeno religioso aponta também para as raízes dos fenômenos. Nesse sentido, a tradição torna a interpretação mais clara e significativa, entendendo este último termo no sentido de ter mais elementos (signos e símbolos) que

contribuem para tal interpretação. “A sinuosidade, de uma (interpretação) mais complicada, (se torna) numa mais simples, em seu sentido de apropriação e em seu sentido existenciário de temporalização tanto mais originária, o que significa, porém, ‘mais séria’ [...]” (HEIDEGGER, 2011, pp. 101-102).

As categorias, então, não colocam um cabresto na facticidade, mas garantem a possibilidade de um continuar a interpretar. Tais categorias, associadas a essa temporalização crucial à qual Heidegger faz menção, dão prosseguimento à experiência religiosa autêntica. A tradição, nesse sentido fenomenológico, dá sempre acesso a algo novo, mesmo que velho, ou seja, o mistério religioso não se esgota na tradição, embora esta facilite a interpretação daquele.

Pode ser que até o presente momento as categorias de mundo, experiência, interpretação, vida e homem deem somente um caráter filosófico para a religião, quando na verdade o que tais categorias fazem é auxiliar na compreensão da religião. A verdadeira finalidade de auxiliar na compreensão daquilo que seja o fenômeno religioso é aumentar nos adeptos de diferentes manifestações religiosas a autêntica vivência desse aspecto humano que é a religião. A fé, por sua vez, continua assegurada e a teologia não passa a ter amarras postas pela filosofia. “[Na verdade] a filosofia é o possível corretivo ontológico, que serve formalmente de indicativo, do conteúdo ôntico, e, em verdade, pré-cristão, dos conteúdos teológicos fundamentais. Mas a filosofia pode ser o que ela é sem se prestar faticamente a ser esse corretivo” (HEIDEGGER, 2008, p. 76).

Ao fim desse primeiro momento se percebe que o conceito de facticidade, tal como apresenta Heidegger, possui outros elementos fundantes que não foram aqui apresentados. A experiência religiosa é propriamente a manifestação da religião pelo ser religioso que vivencia em sua vida esse aspecto próprio; como se viu, o termo homem deve ser substituído por ser religioso, uma vez que “homem” carrega consigo interpretações diversas de acordo com o período histórico. A esse ser religioso está presente seu mundo (*Selbstwelt*) dotado de características particulares e em constante relação com os demais mundos. O ser religioso manifesta aquilo que seu mundo religioso lhe propõe, ou seja, aquilo que está presente e não algo irreal. A aplicabilidade de tais conceitos também foi tema analisado por Heidegger, o que se verá melhor a seguir.

## 2. A aplicabilidade da facticidade na experiência religiosa

A segunda parte desse texto se dedica um pouco mais sobre a aplicação dos conceitos apresentados anteriormente. A base de tal aplicação continuam sendo os textos de Heidegger, sobretudo, sua *Introdução à Fenomenologia da Religião* presente no volume 60 da *Gesamtausgabe*. Persiste, também, a preocupação com a adequação daquilo que é aqui apresentado com as experiências dos indivíduos que praticam a religião em sua cotidianidade.

Nesse momento, tem-se o intuito de atualizar as vivências religiosas dando destaque para aquilo que Heidegger analisa, sobretudo, a partir das cartas paulinas. No entanto, não serão aprofundados os comentários acerca dessas cartas, mas sim daquilo que é dito sobre elas, uma vez que nelas se encontra, seguindo o direcionamento do autor alemão, a aplicação da experiência fática da vida dentro de um fenômeno religioso, o cristianismo primitivo.

Destarte, pode parecer que a aplicação da facticidade na experiência religiosa soe como algo de cunhagem teológica, mesmo tendo Heidegger como base. A esse respeito destaca Capelle: “[...] *la relación de Heidegger con la teología ya no es – ya no podía ser – considerada una simple decoración, o aun como una región particular del universo interpretativo de su pensamiento*”, ou seja, a aproximação do pensamento heideggeriano com uma teologia é totalmente viável. Nesse sentido, é possível falar que as vivências religiosas destacadas pelo autor em seus textos podem ser atualizadas de maneira suficientemente de acordo com as atuais circunstâncias do fenômeno religioso. Isto quer dizer que o cristianismo primitivo, alvo das análises de Heidegger, pode ser interpretado e vivenciado no mundo atual. Nesse movimento que há de se mostrar o conceito de facticidade e aquilo que o compõe.

Em suma, é através dessa pequena “introdução à compreensão fenomenológica” que se destacam os fenômenos experienciados pelos adeptos da religião. Em outra perspectiva, “é pela compreensão fenomenológica que se abre um novo caminho para a teologia” (HEIDEGGER, 2010, p. 61), para sua atualização, assim denominando esse processo.

### 2.1 A atualização das vivências religiosas primitivas: a leitura da Carta aos Gálatas

O primeiro passo a ser dado para que seja feita uma verdadeira “atualização das vivências religiosas primitivas” é identificar algo semelhante entre o que se vive hoje na religião e aquilo que estava nos primórdios do fenômeno cristão, mesmo que de maneira germinal. Nesse sentido, os escritos neotestamentários dão grande suporte para identificar as experiências religiosas do povo que deu continuidade ao movimento jesuano. No entanto,



quando for feita menção direta a Cristo não será ao Cristo histórico, mesmo porque, na visão de Heidegger, “não é necessário voltar ao Cristo histórico. A vida de Jesus é completamente irrelevante. Isso não pode ser lido numa só passagem” (HEIDEGGER, 2010, p. 63), uma vez que o que perdurou foi seu projeto; era a esse projeto que os judeus-cristãos se atinham quando viviam sua fé.

A Epístola aos Gálatas dá vários exemplos acerca da vivência religiosa primitiva que ainda se adequam ao cotidiano cristão. Desse modo, opta-se, mais uma vez, por estabelecer um recorte, agora na Carta aos Gálatas, para um fenômeno específico que vem ao encontro da proposta do presente texto, tornando-o mais completo. A saber, o recorte será realizado no modo de exposição paulina, isto é, no *como* viver, expressar, falar a experiência religiosa.

Há de se atentar, mesmo que de maneira metodológica, que a leitura aqui empregada do “fenômeno da proclamação” empreendido por Paulo é um dos acontecimentos que nortearam o cristianismo em sua origem. É claro que existem outras maneiras tanto de se interpretar o mesmo acontecimento quanto de “proclamá-lo”, uma vez que a “religiosidade cristã originária converte-se num fato” (HEIDEGGER, 2010, p. 68). Mesmo assim cabe a pergunta: por que o “fenômeno da proclamação” e não o da conversão de Paulo também abordado na Carta aos Gálatas? A resposta é simples: o fenômeno da proclamação é central e capaz de estabelecer uma ponte entre aquilo que Heidegger levanta como fundamental para a facticidade religiosa (vida, mundo, experiência). Além do mais, o fenômeno da proclamação se mostra como preocupação constante do cristianismo, quer primitivo quer hodierno.

Nas palavras do próprio Heidegger: “extraímos somente o fenômeno da proclamação porque nele é apreensível a referência vital imediata do mundo próprio de Paulo em relação ao mundo circundante e ao mundo compartilhado com a comunidade” (HEIDEGGER, 2010, p. 72). Nota-se, desde o princípio, uma preocupação com o *como* da proclamação. O *como* está estritamente relacionado com a vivência da vida, uma vez que só é possível se proclamar com autenticidade e veracidade aquilo que se vivencia faticamente. O manifestar religioso, então, é muito mais do que um simples entrar em contato com o transcendente, é um modo de experimentar, de viver. É a isso que Heidegger está chamando a atenção quando empreende uma leitura à Carta aos Gálatas. Nota-se que não se trata de uma leitura exegética ou teológica, mas fenomenológica buscando, realmente, o princípio da vivência cristã que, diga-se de passagem, relaciona-se com o histórico.

É a partir do fenômeno da proclamação que se deve olhar o conteúdo da carta, bem como seu caráter temático e conceitual, uma vez que a experiência paulina impele a tal

movimento: a vivência, a experiência e depois a proclamação. Isso soa como uma crítica ao demasiado “falatório” acerca do fenômeno religioso e da religião (cristã) em si. É claro que quando isso é aqui colocado tem-se em vista as circunstâncias da escrita do texto por Heidegger, o que não pode ser aqui aprofundado por razões metodológicas.

Pois bem, constitui-se como fundamental o seguinte trecho da Carta aos Gálatas:

Com efeito, eu vos faço saber, irmãos, que o Evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, pois eu não o recebi nem aprendi de algum homem, mas por revelação de Jesus Cristo. Ouvistes certamente da minha conduta de outrora no judaísmo, de como perseguia sobremaneira e devastava a Igreja de Deus [...] Quando, porém, aquele que me separou desde o seio materno e me chamou por sua graça, houve por bem revelar em mim seu Filho, para que eu o evangelizasse entre os gentios, não consultei nem carne nem sangue, nem subi a Jerusalém aos que eram apóstolos antes de mim, mas fui à Arábia, e voltei novamente a Damasco. (Gl 1, 11-17)

Pois nele se percebe aquilo que se mostrou como fundamental à facticidade, bem como à religião: vida (relação com o histórico e com a interpretação), experiência, mundo. Paulo não teme em reconhecer como era sua realidade antes da conversão: perseguidor da “Igreja de Deus” (cristianismo). Isso é de fundamental importância para a experiência religiosa, não só esse reconhecimento da realidade na qual a vida é, mas como estabelecer significações para determinados momentos históricos da própria vida. O autorreconhecimento paulino vai muito na direção de afirmar quem realmente está anunciando o Evangelho de Jesus Cristo: sim, é aquele que antes era judeu, converteu-se e agora dá testemunho de tal conversão em suas próprias experiências, em sua própria vida.

Há relação direta com a experiência de conversão que proporciona o fenômeno da proclamação no caso típico de Paulo. A experiência de conversão não é negada ou ocultada, mas antes anunciada. Com isso “Paulo pretende continuar dizendo que ele chegou ao cristianismo por uma experiência originária [particular] e não por uma tradição histórica [recebida dos apóstolos ou ainda daqueles que já se declaravam “seguidores do Caminho”] (HEIDEGGER, 2010, p. 63). Mais adiante, na mesma obra, o autor alemão vai situar tal ocasião como sendo uma “compreensão fenomenológica”, dado que o observador é aquele que está vivenciando a realização, isto é, Paulo e, quiçá os cristãos de maneira geral, estão anunciando algo que vivem de maneira fática e não por simples “falatório”.

O terceiro ponto está na relação entre “mundo” e o texto: como dito anteriormente, no “fenômeno da proclamação” exercido por Paulo se encontra uma ligação entre seu mundo, o mundo circundante e mundo compartilhado. Isso também está, mesmo que de maneira

germinal, no trecho acima destacado. A princípio pensa-se que seja em relação à citação a Arábia, o que se mostra como sendo verdadeiro, uma vez que lá se constituía uma cultura e um modo de vida diferentes daquele vivenciado e ensinado pelo cristianismo. Heidegger compreende esse trecho de maneira dual: “talvez vida ascética, talvez já evangelização” (HEIDEGGER, 2010, p. 63). Fato é que Paulo coloca a experiência cristã, logo, o mundo cristão presente nele em contato com um mundo diferente, realidade que não estava presente no cotidiano paulino. De maneira bem simplificada: o mesmo acontece quando um cristão, portador de suas experiências e de seu mundo, entra em contato com uma religião oriental, com uma visão diferente de mundo e da própria realidade. Há um choque evidente de dois mundos que estão sendo compartilhados. Menciona-se, ainda, a riqueza que há nesse contato de mundos para o fenômeno religioso. Mostra-se em que: na primeira parte do presente texto destacou-se que aquele que faz a experiência de determinado fenômeno religioso, o cristão no caso, não consegue ter a noção exata da plenitude de tal acontecimento, de tal fenômeno. O contato com outro mundo vai auxiliar na maneira de compreender tal fenômeno, uma vez que há outra visão sobre o mesmo fenômeno. Há aí presentes dois modos de interpretar o mesmo acontecimento. A Carta aos Gálatas, assim como as demais cartas paulinas, proporciona algo semelhante, pois o autor passou por uma conversão e agora interpreta de maneira diferente o fenômeno religioso cristão.

É claro que a Carta aos Gálatas não se esgota com a presente abordagem, pois como se disse, utiliza-se dela para exemplificar concretamente como a facticidade está presente na vivência religiosa cristã.

### **Considerações Finais**

A primeira consideração atesta sobre a veracidade da consideração feita a respeito da facticidade da religião: “a religiosidade cristã originária consiste na experiência fática da vida. Frase final: ela é tal propriamente uma tal” (HEIDEGGER, 2010, p. 74). Note-se que Heidegger utiliza o termo “religiosidade cristã originária” no sentido de enunciar aquilo que tanto Paulo quanto a comunidade à qual a carta é endereçada vivenciam. Tal enunciação pode também ser utilizada por aqueles que tomaram contato com o cristianismo mesmo depois de formulação de dogmas, estruturação hierárquica, isto é, ainda hoje é possível ter uma religiosidade cristã originária. Mesmo porque “originária” tem relação direta e óbvia com origem e para o cristianismo a origem (fundamento) é Cristo, logo, sempre é possível atualizar de maneira fática essa vivência originária da religiosidade cristã.

Com isso fica evidente e justificada a nomeação do presente texto como sendo “As contribuições da facticidade heideggeriana para a vivência religiosa”. Mostrou-se, de maneira germinal, que alguns constituintes da facticidade se relacionam com a religião e todos eles apontam para a vivência da experiência religiosa cristã. Ademais, comprovou-se isso a partir do relato paulino presente na Carta aos Gálatas que não se encerrou na presente análise o que seria, diga-se de passagem, inviável para não dizer impossível no presente momento.

Por fim, a facticidade, tal como apresenta Heidegger, é um caminho de aprofundamento, de compreensão que visa uma melhor vivência do fenômeno religioso. Não se almeja enquadrar as experiências religiosas de diferentes manifestações dentro da aqui pretendida conceituação. O que se propôs, e acredita-se que com êxito, foi a manifestação do fenômeno religioso cristão, diretamente relacionado com a facticidade e um dos impulsionadores do pensamento heideggeriano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2013.

CAPELLE-DUMONT, Philippe. *Filosofía y teología en el pensamiento de Martin Heidegger*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *Ontologia: hermenêutica da faticidade*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. *Fenomenologia da Vida Religiosa*. Petrópolis/RJ: Vozes; Bragança Paulista/SP: Editora Universitária São Francisco, 2010.

\_\_\_\_\_. *Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Marcas do Caminho*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

MALPAS, Jeff; CROWELL, Steven. *Heidegger e a tarefa da filosofia: escritos sobre ética e fenomenologia*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2012.